

Carrancas do São Francisco: a dinâmica de um fenômeno Folkcomunicação e Folkmidiático¹

Ricardo Antonio Rocha BRANDÃO²

Alexandre Figueirôa³

Universidade Federal de Pernambuco / Universidade Católica de Pernambuco

Resumo

Este artigo aborda, à luz da folkcomunicação, o fenômeno das carrancas. Concebidas inicialmente como figuras de proa nas embarcações que navegavam, e ainda navegam, pelo rio São Francisco, as carrancas constituem elementos de criação originados na cultura popular e no folclore, aos quais, posteriormente, foi agregado o valor de peça artesanal decorativa. A imbricação do fenômeno com a identidade cultural da região que lhe deu origem e sua trajetória no espaço e no tempo das populações ribeirinhas do submédio do São Francisco. Sua transformação em ícone e ferramenta de representação da cultura local, a apreensão do seu poder simbólico pela Indústria Cultural e pela economia do turismo, além da relação laboral dos artesãos com a manufatura das peças. Também como signo de resistência histórica da arte popular ante a hegemonia da erudição colonizadora dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Carrancas; folkcomunicação; rio São Francisco; cultura popular; Luiz Beltrão.

Introdução

Histórica e indiscutivelmente a maior autoridade detentora de repertório cognitivo acerca do folclore brasileiro, Luis da Câmara Cascudo (1898 - 1986) já havia feito referências a um viés publicitário identificado no uso das carrancas, ainda nos primórdios do fenômeno cultural _ não obstante a inegável e consagrada versão, do ponto de vista folclórico, quanto ao surgimento das carrancas como figuras de proa destinadas a proteger os barqueiros dos infortúnios da navegação, além de enfrentarem maus espíritos e seres lendários que habitariam o rio São Francisco _ ainda assim, e sem negar tal concepção originária, o folclorista adverte:

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação - Estudos Interdisciplinares, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 04 a 07 de setembro de 2013.

² Graduado em Comunicação Social com habilitações em Radialismo e TV e em Jornalismo, pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Jornalismo Cultural, pela Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: rbrandao2001@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Jornalismo Cultural. Doutor em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais pela Universidade de Sorbonne- Paris; mestre em Artes pela USP e professor de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: alexfig@uol.com.br.

Acredita-se que os donos de barca tenham adotado o uso das figuras de proa, como meio de atrair a curiosidade da gente das fazendas sobre a embarcação, e assim aumentar as possibilidades de negócios. Loja ambulante, a barca antigamente precisava de todos esses recursos primitivos de publicidade (CASCUDO, 2012, p. 145).

Outra referência, ainda mais precisa em termos de data, quanto à ocorrência das carrancas como fenômeno folkcomunicação, mesmo sem ter sido identificado como tal _ fato que também se deu anteriormente à defesa da tese de doutorado do professor Luiz Beltrão, precursor dos estudos em Folkcomunicação e pai da referida teoria _ foi apreendido pelos meios de comunicação convencionais, como assinala Elisabet Moreira (2006):

A revista O Cruzeiro, de 30 de agosto de 1947, de circulação nacional e bem ilustrada, destacou as carrancas _ já assim denominadas na matéria _ com fotos de Marcel Gautherot. Em 1954, nos festejos do IV Centenário da cidade de São Paulo, foi montada a primeira exposição de carrancas no Parque Ibirapuera, onde elas puderam ganhar um caráter quase oficial de arte popular brasileira (MOREIRA, 2006, p. 21).

Ressalte-se que em ambas as citações supracitadas, apesar da visível relação do fenômeno com os meios, técnicas e veículos de comunicação, não houve naquela época, alusão à teoria da Folkcomunicação, e nem poderia haver, pois o termo ainda não havia sido cunhado, nem seus corolários haviam sido estabelecidos, dado que se concretiza apenas em 1967, na ocasião da defesa da tese de doutoramento do pesquisador pernambucano Luiz Beltrão, na Universidade de Brasília, cujo título foi: “Folkcomunicação – Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Ideias” (BELTRÃO, 2004, p. 15).

Definidos os postulados, a explicação acerca da nova teoria firmou-se com a caracterização dos agentes, dos meios e dos modos de transmissão das mensagens, sendo evidenciada a horizontalidade das emissões, tendo em vista o caráter peculiar da cultura popular e do folclore, no entanto, sem excluir a possibilidade de interação entre o emissor, a mídia e os veículos da indústria cultural. Luiz Beltrão definiu a Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 1971, p. 15).

Em obra subsequente, Luiz Beltrão evidenciou a essência dos atores sociais responsáveis pela prática do modelo de comunicação defendido por ele, identificando-os já no título do livro, *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980). Os

artesãos responsáveis pela criação das carrancas do São Francisco enquadram-se nesse contexto, pois o fenômeno das carrancas surgiu como manifestação folclórica colocada em tela pelas populações ribeirinhas que viviam à margem não só do rio, mas de oportunidades, e se encontravam em contraposição aos padrões convencionais da cultura erudita, fincada pelos europeus desde os primórdios da colonização.

Contextualizando as Carrancas do São Francisco

Carrancas são figuras de cabeça de proa, assim classificadas por Câmara Cascudo (*Ibid*). Esculturas artesanais caracterizadas como criaturas de feições zooantropomorfas, surgidas pelas mãos do povo do sertão que vivia à beira do rio São Francisco. Inicialmente eram esculpidas em madeira e posteriormente passaram a ser manufaturadas também em barro e em pedra. São produzidas por artesãos que, por vezes, começam a trabalhar como marceneiros ou entalhadores, e em virtude do trato com a madeira, tornam-se escultores. “Mesclando detalhes humanos com os dos animais, destes, sobretudo, a generosa cabeleira à semelhança de uma juba de leão, as carrancas apresentam, em geral, uma expressão de ferocidade [...] retratam apenas cabeça e pescoço de uma figura mitológica indeterminada” (BRITTO, 1995, p. 56).

Alguns autores, a exemplo de Elisabet Moreira, defendem que os primeiros artefatos sob a forma de criaturas zooantropomorfas a cruzarem as águas do Velho Chico⁴ começaram a aparecer na segunda metade do século XIX. Outros, como o próprio Câmara Cascudo, apontam o início do século XX como marco no aparecimento das tais criaturas que, embora rústicas, ostentavam um exímio poder simbólico ao flutuarem sobre as águas do São Francisco. Eram regularmente fixadas na linha de frente das embarcações que percorriam, e ainda percorrem, os cerca de 3.000 quilômetros de extensão, dos quais mais da metade é plenamente navegável. “O rio São Francisco é dividido em cinco sessões, sendo duas de navegação franca. Do oceano Atlântico até Piranhas-AL são 228 quilômetros; de Sobradinho-BA até Pirapora-MG são mais 1.328 quilômetros navegáveis” (REGO *apud* PARDAL, 1974, p. 26 e 27). Paulo Pardal (1974) estudou exaustivamente o tema e identificou o primeiro registro bibliográfico relativo ao surgimento das carrancas datado do final do século XIX. De acordo com o pesquisador:

⁴ Velho Chico é o apelido habitualmente usado pelas populações ribeirinhas quando se referem ao rio São Francisco.

As figuras de proa das barcas do São Francisco foram citadas pela primeira vez, em livros publicados em 1888, por Antonio Alves Câmara e por Durval Vieira de Aguiar. Este último diz “na proa vê-se uma carranca ou grypho de gigantes formas” ... Alves Câmara cita que “as proas são adornadas com a figura de um pássaro, ou de uma moça, grosseira obra de talha, enfeitada com collares e outros adornos de barro pintado” (PARDAL, 1974, p. 62).

Mas o pioneirismo na arte de confeccionar carrancas em série é atribuído a Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany, baiano de Santa Maria da Vitória, cidade cortada pelo rio Corrente, um dos afluentes da margem esquerda do rio São Francisco. Guarany, como era mais conhecido, nasceu em 2 de abril de 1882. Era descendente de espanhóis, negros e índios e produziu sua primeira peça em 1901 (BRITTO, 1995, p. 73). O artesão trazia no sangue, e no nome, a influência das três etnias que resultaram na miscigenação do povo brasileiro. Poderíamos aqui identificá-lo simbolicamente como representante da união em um só indivíduo, da paixão dos europeus pela navegação, pelo *deslizar* sobre as águas em busca de paisagens desconhecidas; do misticismo do negro, presente no culto a Oxum e Iemanjá⁵ para proteger contra os perigos das águas; e da relação com o sobrenatural e com as florestas e rios, habituais dos índios autóctones. O índio, por sinal, foi considerado por Câmara Cascudo “o mais plástico, o mais viajante, o mais inquieto dos povos americanos” (CASCUDO *apud* BELTRÃO, 1971, p. 21).

Biquiba (africano) Dy Lafuente (europeu) Guarany (tupi), foi o mais conhecido escultor de carrancas em madeira das margens do São Francisco. Como anotou Paulo Pardal (1974), Guarany assinou cerca de 350 obras _ inicialmente não se preocupava em assinar suas peças, pois não acreditava que as carrancas iriam alcançar tal popularidade e tornar-se símbolo do desbravamento das águas do rio, vinculando-se posteriormente à identidade cultural da população ribeirinha.

Nêgo d'Água, Bicho d'Água, Minhocão. Esses seriam, miticamente, alguns dos principais responsáveis pelo surgimento das carrancas no submédio do São Francisco. Os perigos representados pelas correntezas e intempéries climáticas, a navegação sobre as águas barrentas do Velho Chico, os bancos de areia e as abundantes pedras que configuram o relevo submerso do rio, são transpostos para o imaginário popular em feitos fabulosos de criaturas tremendas que habitariam as águas do rio da integração nacional, originando a criação de uma imagem, um amuleto mesmo, capaz de proteger os barqueiros e comandantes das embarcações que navegavam levando mercadorias e pessoas entre cidades

⁵ De acordo com as religiões da Umbanda e do Candomblé, Oxum é a rainha e protetora das águas doces, e Iemanjá é a majestade dos mares.

ribeirinhas. Assim vemos que, como afirmou Cortazar, os fenômenos folclóricos são sempre funcionais, identificando-se “com a vida material, social e espiritual da comunidade” (CORTAZAR *apud* BELTRÃO, 2004, p. 67).

Além do Nêgo d’Água, do Bicho d’Água e do Minhocão, mitos que evidenciam a diversidade folclórica que irradia das águas do São Francisco. Fernando Sales cita outros:

Muitos são os personagens mitológicos, alguns de origem indígena lhes povoam a imaginação: Goijara, Anhangá, Angat, Galo Preto, Capetinha, Cavalo d’Água, e tantos outros. Como fenômeno social, a crendice e a superstição nas regiões do São Francisco não apresentam fundamental novidade em relação a outras épocas ou lugares; a diferença reside apenas na sua forma de manifestação, caracterizada pelo fato de alguns mitos existentes serem próprios do rio São Francisco e se relacionarem com os perigos nele encontrados pelos ribeirinhos (SALES, 1978, p. 48).

O folclore possui metalinguagem própria e proporciona a ocorrência de um fluxo de expressões e simbologias que dialogam entre si, estabelecendo um mecanismo de dialética cultural, quando uma manifestação emanada via dispersão, fluidez e fruição imaginárias ocasiona a produção de novos elementos representativos da cultura popular. De modo que, haveria de surgir um antídoto, um herói à altura dos perigos do rio, contrapondo-se às forças sobrenaturais e determinando o equilíbrio suficiente para demandar coragem na incursão dos barqueiros frente aos desafios encontrados durante a navegação. Essa figura seria a carranca, com sua aparência assustadora, que, como certifica a cultura popular, “quanto mais feia melhor”.

Um fenômeno além do folclore

Enquanto figuram como imagens de proa nas embarcações do São Francisco, as carrancas vão suscitando outras versões sobre sua origem. Ao levantar hipóteses acerca do surgimento da carranca como elemento do folclore brasileiro, o pesquisador Paulo Pardal evidenciou em seu principal trabalho sobre o tema: “As Carrancas do São Francisco” (1974), um quadro geral sintetizado do ambiente antropológico, social e econômico no qual foram inseridas as carrancas. A esse respeito, Elisabet Moreira citou as versões do autor:

Paulo Pardal, no entanto, faz restrições a essa generalização da imagem da carranca como protetora das barcas, principalmente das primeiras, cujos motivos conscientes para sua utilização teriam sido os de prestígio e indicação de propriedade, por imitação de figuras de proa antropomorfas, vistas por algum fazendeiro (ou antes

algum comerciante) do São Francisco, em navios aportados no Rio de Janeiro ou Salvador. Aliás, as barcas, por si só, já eram embarcações de prestígio na região. A interpretação mística teria vindo depois desta imitação primeira (MOREIRA, 2006, p. 23).

Essa versão também expõe a medida subliminar presente na expressão da cultura popular, não como uma manifestação mambembe, exótica ou pitoresca, em outras palavras: sem sentido prático, como queriam as classes dominantes, mas como uma ferramenta expressiva de comunicação e de defesa dos interesses das minorias, um elemento de contraposição à hegemonia imposta pelas elites. E nela, os artesãos imprimem com mãos próprias as mensagens de pertencimento que lhes ocupam os pensamentos e são difundidas horizontalmente para o atendimento das necessidades de intercâmbio com os seus pares e com a sociedade.

Não se deve esquecer que as imagens de cabeça de proa sempre foram uma constante em diferentes passagens e paisagens das civilizações. Sobre essas ocorrências, Paulo Pardal afirma:

As mais antigas representações de embarcações são originárias do Egito, e algumas delas datando de cerca de seis mil anos, apresentam na proa uma saliência que certamente é a estilização de uma caveira de touro pois distingui-se um par de chifres, nítidos e avantajados (PARDAL, 1974, p.8).

Desde então, passando pela antiguidade, as barcas do Nilo; os Vikings, com seus dragões intimidadores; os irlandeses; todos as utilizavam. Embora algumas culturas, como a Veneziana, por exemplo, as dispensem. “Cerca de seis mil anos separam, no tempo, os ornamentos de proa das barcas do São Francisco, das egípcias, mas uma grande força as aproxima: a semelhança estilística das manifestações de arte nas comunidades primitivas” (*ibid*). Como explica José Marques de Melo (2008), Luiz Beltrão também aponta para essa espécie de transmissão simbólica:

Na verdade, Beltrão descobrira que os processos modernos de comunicação massiva, coexistiam no espaço brasileiro-nordestino, com fenômenos de comunicação pré-moderna. Eram reminiscências do período medieval-europeu, transportadas pelos colonizadores lusitanos e historicamente aculturados aparentando uma espécie de *continuum* simbólico. Tais veículos de comunicação popular ou de folkcomunicação, como ele preferiu denominar, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão) (MELO, 2008, p. 18).

O enfrentamento de desafios sempre fez parte do cotidiano das populações da região do semiárido brasileiro. No final do século XIX, além da convivência com a escassez de chuvas, havia a falta de alguns conhecimentos que levassem os moradores da região a conviverem com as condições ambientais, não obstante o empirismo representar uma importante ferramenta de sobrevivência. Apesar da singularidade que representava o rio São Francisco como fonte abundante de água doce, as técnicas de irrigação ainda não faziam parte do rol de alternativas as quais os sertanejos do Vale do São Francisco pudessem lançar mão. Ademais, a região estava sob o domínio econômico e político dos pecuaristas e coronéis, e a população formada por índios, negros e mestiços era subjugada culturalmente em virtude da imposição de valores e costumes incutidos desde a época da colonização e da ação catequizante dos jesuítas a expandirem hábitos culturais estranhos às populações da *hinterlândia*⁶.

As carrancas constituem uma manifestação ímpar, fruto da relação das populações ribeirinhas com o rio São Francisco. Por mais de meio século, foram utilizadas exclusivamente com a finalidade originária, ou seja, como figuras de cabeça de proa das embarcações. Período após o qual passaram a ocupar espaços mais acessíveis aos cidadãos e cidadãs comuns, e começaram a ser utilizadas como objetos de decoração. No entanto, não foi uma transição totalmente desconexa em relação as suas origens folclóricas, no sentido de que a questão mística foi apenas deslocada, ou ampliada, para uma conotação mais comum às pessoas que não utilizam o rio como meio de vida. Ou seja, as populações das cidades que margeiam o São Francisco começaram a utilizar as carrancas em suas casas, nos locais de trabalho, no comércio, nas repartições e nos espaços de circulação pública, com o objetivo de afastar os “maus olhados” ou “fluidos negativos” de origem esotérica.

De acordo com Paulo Pardal (1974), o próprio Biquiba Guarany deixou de produzir as carrancas como figuras de proa por volta de 1940, e passou a atender encomendas de pessoas interessadas em utilizá-las em ambientes de circulação pública ou como ornamento residencial. O que não quer dizer que as carrancas tenham sido abandonadas do seu lugar original, pois até a atualidade ainda há muitas carrancas circulando como cabeças de proa

⁶ Em sua obra, Luiz Beltrão utiliza o termo *hinterland*, de origem alemã, para designar as localidades do interior. Optamos pelo termo em português, *hinterlândia*, já registrado no Dicionário da Língua Portuguesa Novo Aurélio.

nas embarcações do Velho Chico, mesmo após a evolução náutica que propiciou a introdução dos grandes barcos a vapor e das chamadas gaiolas, movidas a diesel.

Nesse contexto, surge na cidade de Petrolina-PE, localizada no submédio do São Francisco, uma nova representante na arte ribeirinha de confeccionar carrancas. Ana Leopoldina dos Santos, natural de Santa Filomena, distrito de Ouricuri-PE, nascida em 18 de fevereiro de 1923, começou desde criança, ainda na cidade natal, a criar peças feitas de barro. “Sua mãe era louceira e aprendeu com ela a fazer potinhos, panelinhas, boizebu, pratinhos e vendia por um vintém. Muitas vezes brincava com as amigas [...] e trocava com elas seus trabalhos por doces ou bonecos de pano” (BRITTO, 1995, p. 334). O tempo correu, Ana Leopoldina foi morar em Petrolina e em 1963 passou a ser chamada de Ana das Carrancas, após ter se notabilizado como a artesã que retirava da beira do rio o barro que suas mãos transformavam em obras de arte. Surgiram assim as carrancas de barro do São Francisco.

Após serem acolhidas pelas mãos afetuosas de Ana das Carrancas, as peças, agora em nova formatação, continuaram tendo sua contemplação expandida e reconhecida como obra artística, porém sem perder a popularidade de sua origem. As carrancas despontaram em outros horizontes, tornaram-se elementos de apreciação, integrando a ornamentação de salas, não somente em residências, como também em locais de visitação e convivência pública como hotéis, restaurantes, bares, centros de convenções e locais diversos. Em 1995 foi fundado o Centro Cultural Ana das Carrancas, espaço de exposição de obras da artista e de realização de seminários, cursos, encontros e para intercâmbio de arte e cultura, localizado em Petrolina-PE.

Nesse ponto identificamos o que Edson Carneiro ressaltou em termos da dialética presente nos fenômenos culturais e sociais, referenciada por intermédio da dinâmica do folclore:

Sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo, fazendo-se por meio do folclore que é dinâmico, porque, não obstante partilhar, em boa percentagem, da tradição e caracterizar-se pela resistência à moda (...) é sempre, ao mesmo tempo, que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação (CARNEIRO *apud* BELTRÃO, 2004, p. 45).

O hábito de confeccionar carrancas foi difundido e expandido ao longo de outras regiões banhadas pelo São Francisco. Da nascente, em Minas Gerais, até sua foz, no estado

de Alagoas. Não se pode negligenciar a informação de que outros carranqueiros e carranqueiras também surgiram além do submédio do São Francisco. Pirapora, em Minas Gerais, conta com artesãos e artesãs que criaram outros estilos de carrancas e tornaram a arte diversificada. Na cidade mineira vemos novas peças enigmáticas que, no entanto, mantém feições coincidentes com as do submédio do São Francisco, mas são concebidas em meio à dinâmica do folclore, e aqui ou acolá, surgem novidades no *design* e no estilo próprio de cada artesão. Uma das artesãs mais conhecidas de Pirapora é a senhora Luzia Soares, que nasceu na Bahia, mas há quase meio século passou a produzir as peças em madeira na cidade mineira.

Carranqueiro: um líder de opinião

A relação do artesão, do artista popular, dos representantes do folclore e da cultura popular com o meio em que vivem e com a sociedade de modo geral, em consonância com a teoria da Folkcomunicação, é enfocada na obra de Luiz Beltrão quando ele estabelece parâmetros entre sua teoria e a teoria clássica do *Two step flow of communication*, proposta por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet (1944). De acordo com a teoria da Folkcomunicação, os líderes de opinião são pessoas com características específicas de carisma e identidade cultural, que circulam nos ambientes pertinentes a suas comunidades e também nos circuitos frequentados por outros formadores de opinião. Eles encontram-se na fronteira entre a vanguarda e o tradição. Dona Luzia de Pirapora, assim como Ana das Carrancas (1923 – 2008) e Biquiba Guarany (1882 – 1985), são agentes de folkcomunicação, são líderes de opinião que fizeram e fazem história, ao imprimirem seus nomes no rol dos artistas populares mais conhecidos do País. Luiz Beltrão (1980) especifica as características dos líderes folk:

O comunicador de folk tem a personalidade característica dos líderes de opinião identificada (e nele, talvez, ainda mais aguçada) nos seus colegas do sistema de comunicação social [...] Enquanto no sistema de comunicação social é muito frequente a coincidência entre os líderes de opinião e as autoridades políticas, científicas, artísticas ou econômicas, na folkcomunicação há maior elasticidade em sua identificação: os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham (BELTRÃO, 1980, p. 35).

A pesquisadora Regina Coeli Vieira Machado, em artigo de 2003, ressalta o caráter de líder de opinião presente na personalidade de Biquiba Guarany, ao escrever:

Guarany apresentava nos traços fisionômicos e na cor a mistura das raças, que formaram o povo brasileiro. Era magro, de pele morena e estatura baixa. Aprendeu a ler e escrever com padres. Apesar de pouco estudo, era capaz de proferir discursos públicos, entrevistas em redes de televisão e palestras em universidades sobre seus trabalhos. E sobre o rio São Francisco, narrava suas histórias e suas *lendas*, que foram fonte de inspiração para o seu sucesso como artesão. (MACHADO, 2003, p. 1)

Ana das Carrancas ganhou notoriedade entre as carranqueiras e carranqueiros do São Francisco, inclusive expandindo sua popularidade para além- mar, com algumas de suas peças expostas em museus do Brasil e em países estrangeiros. Assim como Biquiba Guarany, que se tornou tema de livro e teve seu nome divulgado em diversos meios de comunicação. Ana das Carrancas recebeu homenagens de entidades as mais diversas, além de comendas e títulos das mãos de governadores, e até do ex-presidente da República, Luiz Inácio da Silva, o que indubitavelmente denota sua imagem de líder de opinião. Luiz Beltrão (2004) ressalta:

Essa conquista de liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e a habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível do entendimento dos seus receptores. Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa, as populações marginais urbanas e até mesmo extensas áreas proletárias se comunicam por meio de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios (BELTRÃO, 2004, p. 38).

Considerações Finais

Hoje o fenômeno das carrancas tomou outras proporções e o folclore dialoga constantemente com instâncias midiáticas, econômicas, políticas, com o mercado do turismo, com a economia da cultura, enfim, com praticamente todos os setores culturais, que desse modo atualizam o fenômeno e o mantém vivo e renovado a cada dia. Esse diálogo pressupõe a presença dos agentes folk, ou seja, os artesãos que se tornaram representantes da cultura popular a retroalimentar a cultura de massa.

Verifica-se que a manifestação folclórica das carrancas mantém-se em constante negociação com a indústria cultural. Na região do Vale do São Francisco, berço da cultura das carrancas, esse diálogo se estabelece inclusive de forma ainda mais peculiar, pois trata-

se da única região do país onde a maior rede de televisão do Brasil, assim considerada em números do Ibope, ou seja, a rede Globo, possui duas emissoras afiliadas atuando na mesma área, e concorrendo entre si, tendo em vista que a TV Grande Rio, de Petrolina-PE, e a TV São Francisco, de Juazeiro-BA _ atentar para os nomes das duas emissoras afiliadas, em sintonia com a cultura ribeirinha _ disputam a audiência dos telespectadores que são separados pelo rio e unidos pela ponte Presidente Dutra, com oitocentos metros de extensão. Em ambas as emissoras, vinhetas enaltecendo a identidade cultural dos ribeirinhos, propagandas e matérias jornalísticas enfocam, frequentemente, a imagem das carrancas como símbolo e ícone da cultura local e regional. As emissoras de TV utilizam imagens das carrancas como forma de vincular uma identidade cultural local às suas marcas e com isso angariar retorno de audiência.

No campo da semiótica, às carrancas é conferido, além do caráter simbólico, um referencial icônico, ao se identificar a imagem da carranca com a região do submédio São Francisco. Daí, a transposição da figura das carrancas para elementos como os orelhões na rua, e outros de caráter artesanal como chaveiros, porta-lápis, e uma gama de *souvenires* que remetem à cultura local. Para os estudos da Folkcomunicação as carrancas tornaram-se dessa forma uma fonte empírica inquestionável na investigação do valor simbólico de sua concepção, enquanto elementos folkmediáticos.

Como ferramenta de atração turística, as carrancas estão presentes no imaginário social e transformaram-se em ícone de uma região. Assim como o Cristo Redentor é para o Rio de Janeiro, assim como se constitui a imagem do bumba-meu-boi para o estado de Maranhão, assim também como a cuia do chimarrão nos remete imediatamente às terras gaúchas, quem vê uma carranca, logo imagina as paisagens do rio São Francisco. Essa concepção icônica remete o fenômeno diretamente a sua integração com a indústria do turismo, ao vender a imagem de uma região rica em diversidade folclórica que atrai turistas em busca de novidades culturais.

As feiras de artesanato, convenções e outros eventos atraem os artesãos que têm nessas ocasiões oportunidades de escoar suas produções artísticas. Eles participam de circuitos culturais e exposições como a Feira Nacional de Artesanato (Fenearte), que acontece todos os anos em Recife-PE. Na oportunidade vendem seus artefatos e ampliam suas visibilidades perante públicos diversos e dispostos a investir em peças exclusivas feitas pelas mãos de artistas que atravessam os séculos a enriquecer a cultura universal com a cultura popular. Apenas para exemplificar, a Fenearte 2013, realizada no mês de julho, no

Centro de Convenções de Pernambuco, recebeu durante seus quinze dias de exposição, trezentos e vinte mil visitantes que injetaram a cifra de R\$ 44 milhões de reais revertidos para o comércio de produtos do artesanato popular. Os artesãos do submédio São Francisco participam todos os anos da Fenearte, ocasião em que lucram com a venda de suas peças e ampliam o intercâmbio com artistas do Brasil e de outros países, mantendo viva a cultura da carranca e sua força simbólica enquanto elemento de fruição folkmediático.

Referências

AQUINO, Antonise Coelho de. **Enredos de uma travessia**: a ilha do Massangano no Vale do São Francisco. Petrolina: IF Sertão Pernambucano, 2012.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**: um estudos dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é Comunicação Rural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BRITTO, Maria Creusa de Sá Y. **Petrolina**: Origem, fatos, vida, uma história. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **Opapa**: Formação histórica e social do submédio São Francisco. Juazeiro: [s.e.], 1997.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. Guarany (Francisco Biquiba dy Lafuente). **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

MOREIRA, Elizabet Gonçalves. **Carrancas do Sertão**: Signos de ontem e de hoje. Petrolina: SESC/PE, 2006.

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1974.

SALES, Fernando. **São Francisco**: O rio da unidade. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro – Codevasf, 1978.